

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

MARIA PINTO BITELLE

A Importância do Vídeo em turmas do ensino regular que possuem alunos com necessidades educativas especiais incluídos: Percepção dos professores

**Porto Alegre
2012**

MARIA PINTO BITELLE

A Importância do Vídeo em turmas do ensino regular que possuem alunos com necessidades educativas especiais incluídos: Percepção dos professores

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientador:
Prof. Dr. Carlos Tadeu Queiroz de Moraes

Porto Alegre
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:

Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação:

Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos alunos que fazem parte da minha caminhada como educadora.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre iluminando os caminhos de minha vida!

Aos meus filhos, Jorge, Felipe, Rita e Gabriel, pela paciência nas horas em que a eles não pude dar atenção.

Aos colegas da Escola em que atuei nestes dois anos de curso.

Aos alunos, que participaram deste estudo.

A todos os professores e tutores do curso.

A tutora a distância Ediana Zavaski pelo apoio e incentivo durante o curso.

Aos meus colegas de curso.

Ao Professor Carlos Tadeu Queiroz de Moraes, meu orientador de Monografia que refletiu junto comigo e que com toda a sua calma, sempre me deixou tranquila e confiante.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste sonho...

Muito Obrigada!

Nunca, talvez, a frase quase feita – exercer o controle sobre a tecnologia e pô-la a serviço dos seres humanos – teve tanta urgência de virar fato quanto hoje, em defesa da liberdade mesma, sem a qual o sonho da democracia se esvai. (PAULO FREIRE)

RESUMO

O presente trabalho investigou a importância do vídeo em turmas do ensino regular que possuem alunos com necessidades educativas especiais incluídos sob a Percepção dos professores em uma escola situada na periferia de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre. Vivemos hoje em um mundo onde a sociedade está em constante transformação provocada por avanços tecnológicos. Os profissionais em educação não podem ficar de fora dessas transformações, pois é através dela que poderão ter uma perspectiva de desenvolver em seus alunos a capacidade sua cidadania de forma plena. Foi desenvolvido um estudo de cunho qualitativo onde os sujeitos pesquisados, professores e alunos da escola, participaram respondendo a questionários e entrevistas. Os resultados obtidos apontam o vídeo como uma ferramenta de apoio pedagógica importante para o ensino dos alunos e nos faz refletir sobre um melhor planejamento do uso dessa mídia como suporte pedagógico.

Palavras-chave: Mídia vídeo, necessidades educativas especiais, ensino regular.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

NEE: Necessidades Educativas Especiais

TA: Tecnologia Assistiva

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Docentes que possuem alunos com NEE.....	29
Figura 2: Turmas da escola.....	30
Figura 3: Mídias Utilizadas.....	34
Figura 4: Importância da Utilização das Mídias.....	35
Figura 5: Frequência de Utilização do Vídeo.....	36
Figura 6: Importância do Vídeo.....	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 OBJETIVOS.....	13
1.1.1 Objetivo Geral.....	13
1.1.2 Objetivos Específicos.....	13
1.2 RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	13
1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	14
1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	14
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	15
2.1 O USO DAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO.....	15
2.2 ESCOLA INCLUSIVA: O QUE É INCLUIR?.....	16
2.2.1 A Integração do Ensino Especial com o Regular.....	18
2.2.2 Tecnologia Assistiva na Escola.....	20
2.3 O USO DO VÍDEO NA EDUCAÇÃO.....	21
2.3.1 Estudos Correlatos.....	22
2.3.2 Como Planejar Aulas Utilizando Vídeos?.....	23
3 METODOLOGIA.....	26
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	26
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	26
3.3 COLETA DE DADOS.....	27
3.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	27
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	28
4.1 ANALISE DOS RESULTADOS DOS PROFESSORES.....	28
4.1.1 Identificação dos Professores.....	28
4.1.2 Concepções Sobre Inclusão: o que pensam os professores.....	29
4.1.3 Tecnologia e Mídia Vídeo na Prática Docente.....	33

4.2 ANALISES DOS DADOS DOS ALUNOS DA ESCOLA	39
4.2.1 Turma 1: Primeira-série- Turno da Manhã.....	39
4.2.2 Turma 2: Segunda-série: Turno da Tarde.....	40
4.2.3 Turma 3: Terceira-série: Turno da Tarde.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICE A: QUESTIONARIO PARA OS PROFESSORES.....	49
APÊNDICE B: ENTREVISTA PARA OS ALUNOS.....	52

1 INTRODUÇÃO

No mundo de hoje ocorrem diversas transformações decorrentes dos avanços e mudanças tecnológicas, onde em apenas um “Click” o homem coloca-se em sintonia com o mundo. A tecnologia passou a ser, neste milênio, o meio onde as informações e comunicações estão sendo propagadas de maneira cada vez mais rápida. Essa alcança todas as áreas de conhecimentos e diretamente a educação, considerando que a escola é um espaço que também passa por mudanças.

Na atualidade, é importante considerar o papel das instituições escolares e sua relação com as novas mídias e tecnologias. As escolas estão cada vez mais se inteirando de como atingir seus alunos nesta nova era digital. Como recurso que possa enriquecer a prática em sala de aula temos a mídia vídeo e de acordo com Moran (1995), “O ver está, na maior parte das vezes, apoiando o falar, o narrar, o contar histórias. A fala aproxima o vídeo do cotidiano, de como as pessoas se comunicam habitualmente.”.

Neste contexto, o papel do professor como mediador de aprendizagem é essencial na preparação dos alunos para que quando esses recebem a informação e as novas formas de comunicação possam ver com capacidade crítica e saber transformar tudo isso em aprendizagem. As novas tecnologias estão relacionadas com mudanças e na educação não seria diferente. Muitas vezes é somente através da escola que os alunos terão acesso as tecnologias e como educadores devemos pensar em uma forma de incluí-los neste mundo de maneira que os liberte para o desenvolvimento da cidadania.

Nossas instituições escolares estão cada vez mais atendendo um público com as mais variadas diversidades e a inclusão de pessoas com necessidades especiais como parte dessas. As mídias surgem como valiosa contribuição na diminuição das desigualdades. A escola inclusiva tem a preocupação em educar para todos. A mídia vídeo conforme Moran (1995) “[...] toca todos os sentidos”. [...] “Pelo vídeo sentimos, experienciarnos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos.” Desta forma, é possível trabalhar com o todo de maneira afetiva, sensorial e sem deixar de lado as especificidades de cada um.

Portanto, cabe investigar importância do vídeo em turmas do ensino regular que possuem alunos com necessidades educacionais especiais incluídos: Percepção dos professores na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nova Conquista situada na periferia de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre. A pretensão de estudar as mídias para trabalhar este tema se torna importante, pois nos dias de hoje, o espaço educacional deve propor a seus alunos maneiras diferentes de inclusão na sociedade.

1.1 OBJETIVOS

Aqui são apresentados os objetivos deste estudo.

1.1.1 Objetivo Geral

Investigar a importância do vídeo em turmas do ensino regular que possuem alunos com necessidades educacionais especiais incluídas: Percepção dos professores em uma escola situada na periferia de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre

1.1.2 Objetivos Específicos

- a) Pesquisar sobre os avanços no ensino e aprendizagem de alunos com necessidades especiais quando estes estão presentes em aulas com uso do vídeo;
- b) Analisar quais os efeitos do uso da mídia vídeo na construção do conhecimento dos alunos;
- c) Verificar como os alunos interagem entre si com o uso das mídias;
- d) Acompanhar e auxiliar os professores com o uso do vídeo para turmas do ensino fundamental;
- e) Apresentar os resultados destas experiências.

1.2 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Esta pesquisa tem relevância em demonstrar experiências práticas do uso da mídia vídeo e de como essa podem auxiliar no processo de construção do

conhecimento em uma escola que educa para todos, ou seja, alunos com as mais variadas diversidades.

A mídia vídeo como ferramenta pedagógica pode integrar os alunos com necessidades educativas especiais (NEE) as turmas regulares de forma “sensorial e afetiva” (MORAN, 1995), e desta forma fazer com que a prática pedagógica seja mais eficaz. Este estudo foi realizado para analisar o uso da mídia vídeo no contexto educativo, pois é importante verificar como os alunos interagem entre si com o uso dessa mídia e desta forma trazer novas perspectivas de aplicação prática do uso em sala de aula.

1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A pretensão é focar na importância da mídia vídeo em turmas com alunos especiais que frequentam classes regulares nas séries iniciais do ensino fundamental: Escola Municipal de Ensino Fundamental Nova Conquista, situada no município de Gravataí, Rio Grande do Sul.

1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Este trabalho está organizado em cinco capítulos que serão detalhados a seguir:

No primeiro capítulo consta a introdução, os objetivos do estudo, sua relevância e delimitação.

No segundo capítulo é detalhado o amparo teórico para dar suporte a esta investigação.

No terceiro capítulo encontra-se a metodologia empregada para atingir os objetivos propostos.

No quarto capítulo é apresentado a análise e discussão dos resultados.

E por fim, as considerações finais e proposta de trabalhos futuros.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A integração das mídias às práticas pedagógicas pode auxiliar na reformulação do currículo conteudista aprimorando a proposta do ensinar e aprender, visto que, atualmente, vivemos em uma sociedade da inovação, do imediatismo, da criação e essas mídias, se usadas de maneira adequada, contribuem para a reflexão, o debate e formação do pensamento crítico.

2.1 O USO DAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Na atualidade, é importante considerar o papel das instituições escolares e sua relação com as novas mídias e tecnologias. Para Moran (2004):

A escola pode ser um espaço de inovação, de experimentação saudável de novos caminhos. Não precisamos romper com tudo, mas implementar mudanças e supervisioná-las com equilíbrio e maturidade (MORAN, 2004, p. 349).

As tecnologias nos permitem formas de comunicação e as mídias são facilitadas por elas. Os indivíduos têm uma maior capacidade de interação, pois os veículos de informação estão cada vez mais complexos.

Estas possibilidades de expressar-se cada vez mais e interagir mais com o mundo faz com que os sujeitos tenham um leque de maneiras para aprender e “todas as formas e instrumentos da mídia estão, cada vez mais, fundindo-se em sistemas inter-relacionados” (DIZARD, 1998).

O mundo midiático vem evoluindo conforme os seres humanos vêm descobrindo novas formas de se comunicar, primeiro com o rádio, TV, cinema, revistas, jornais e depois com a introdução da informática e os meios digitais. Na era da informática surge o hipertexto, termo que já em 1960 era definido como “escrita não-sequencial. Esse permite ao leitor escolher múltiplos caminhos e acessar informações em cadeia através da tela do computador em tempo real” (SNYDER apud PEREIRA, 2000, p. 69). Esta revolução da escrita pode ser encontrada em

qualquer site que utilizarmos. Para tanto, basta clicar nos links que somos remetidos a outras páginas.

Os recursos digitais são cada vez mais utilizados. Atualmente, são disponibilizados os recursos multimídia que permitem a utilização de diferentes mídias como áudio, vídeo e imagem.

O termo multimídia pode ser definido como a “capacidade de um computador de utilizar elementos das várias mídias, como áudio, vídeo, ilustração [...]” (BRASIL, 2012).

Segundo Lévy (1999), com o tempo os homens desenvolveram novas ferramentas tecnológicas e com elas surgiram novos conceitos. Pode-se citar o conceito de rede que potencializa as interações entre sujeitos através da conexão entre diferentes computadores.

Portanto, os homens desta década utilizam a nova visão das mídias como facilitadores de comunicação e interação pressupondo, assim, que o acesso de todos a qualquer informação seja obtido de forma rápida. Estas novas formas de ver o mundo fazem com que a educação possa estar voltada para diferentes culturas e de uma forma dinâmica atender a demanda de alunos com uma diversidade em muitos aspectos.

2.2 ESCOLA INCLUSIVA: O QUE É INCLUIR?

Educar, nos dias de hoje, se torna um desafio muito grande principalmente com as mudanças de paradigmas pelas quais nossas escolas estão passando. Novas leis vão sendo instituídas e integradas à educação. As políticas públicas que são adotadas no Brasil para que a educação seja voltada com um olhar inclusivo. Sanches e Teodoro (2006) colocam:

Numa escola inclusiva só pode existir uma educação inclusiva, uma educação em que a heterogeneidade do grupo não é mais um problema, mas um grande desafio à criatividade e ao profissionalismo dos profissionais da educação, gerando e gerindo mudanças de mentalidades, de políticas e de práticas educativas. (SANCHES; TEODORO, 2006, p. 72).

Refletindo sobre as palavras dos autores podemos pensar nos desafios pelos quais estão passando os profissionais em educação que estão atuando em

turmas com alunos com necessidades educativas especiais (NEE). Nosso olhar necessita se voltar para a prática realmente, pois, muitas vezes, o profissional não possui condições de estrutura e nem de formação para estar nestas turmas. Sendo assim, à vontade não é apenas o que é preciso, mas suporte para que o processo de inclusão ocorra com estes educandos e não passe a excluí-los.

Para Mantoan (2004):

[...] podemos imaginar o impacto da inclusão na maioria das escolas, especialmente quando se entende que incluir é ensinar a todas as crianças, indistintamente, em um mesmo espaço educacional: as salas de aula de ensino regular. É como se esse espaço fosse de repente invadido e todos os seus domínios tomados de assalto. A escola se sente ameaçada por tudo o que ela criou para se proteger da vida que existe para além de seus muros e paredes. (MANTOAN, 2004, p. 37)

Este impacto atinge a educação de forma geral, pois incluir é mais do que obedecer a leis e decretos, é necessário para tal uma preparação e esta, muitas vezes, não está ao alcance dos educadores, causando medo do novo. Lidar com os alunos com NEE, muitas vezes, é desafiador quando não tivemos em nossos bancos acadêmicos a preparação para tal situação.

A autora Mantoan (2004) coloca que “[...] Os sistemas escolares também estão calcados em um pensamento que recorta a realidade, que permite subdividir os alunos em “normais” e com deficiência. [...]”, ou seja, nossas escolas possuem uma visão mecanicista e determinista, ignorando o afetivo e desta maneira, segundo a autora “[...] não conseguimos romper com o velho modelo escolar, para produzir a reviravolta que a inclusão impõe.” (MANTOAN, 2004).

Nossos pensamentos ao viver estes novos momentos na educação nos remetem a pergunta: O que é incluir? Existem alunos **normais e ditos deficientes (grifo nosso)**? São questões que procuramos aos poucos responder a cada ano letivo, a cada nova turma que recebemos. Mantoan (2004) escreve que:

[...] a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita aos alunos com deficiência e aos que apresentam dificuldades de aprender, mas envolve todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral (MANTOAN, 2004, p. 40).

Para obter sucesso educacional, a autora observa que é preciso levar em consideração todos os alunos independentemente de sua condição. E afirma quando coloca que “nem todas as diferenças necessariamente inferiorizam as pessoas. Há diferenças e há igualdades: nem tudo deve ser igual e nem tudo deve

ser diferente.” (MANTOAN, 2004). Quando observamos os alunos nos primeiros dias de aulas observamos as diferenças que esses possuem, pois nem todos são iguais ou aprendem da mesma forma.

Incluir, portanto, seria atender a todos independentemente de sua singularidade, educando para todos. A escola está longe deste conceito e por esta razão este tema é tão debatido atualmente. Ao longo dos anos, fez-se necessário à criação de políticas pública que dessem acesso às pessoas com alguma NEE ao ensino regular.

2.2.1 A Integração do Ensino Especial com o Regular

É importante refletir sobre o que é incluir em uma escola que seja para todos. Em nosso país, está em pauta, fortemente, as questões de integração de pessoas com NEE à sociedade. São criadas leis e decretos para que essas tenham acessibilidade de várias formas. Mas o que é dar acesso a estas pessoas? De nada adianta apenas pensar no suporte físico e material, temos que ver o lado de inclusão no meio social sem discriminação.

As políticas públicas foram sendo constituídas e com estas leis foi sendo garantido o acesso ao ensino regular às pessoas com NEE.

Não é de interesse desse estudo detalhar todas as leis e a história da inclusão no Brasil, mas rever a situação dos alunos com NEE que ingressaram em turmas regulares de ensino.

Segundo Brasil (2010):

Em 1961, o atendimento educacional às pessoas com deficiência passa ser fundamentado pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 4.024/61, que aponta o direito dos “excepcionais” à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino. A Lei nº 5.692/71, que altera a LDBEN de 1961, ao definir “tratamento especial” para os alunos com “deficiências físicas, mentais, os que se encontrarem atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados”, não promove a organização de um sistema de ensino capaz de atender às necessidades educacionais especiais e acaba reforçando o encaminhamento dos alunos para as classes e escolas especiais. (BRASIL, 2010, p. 12).

É possível perceber que temos duas políticas públicas que não alteram em muita coisa o direito à educação para pessoas com NEE. E como nos coloca o

autor, aquelas acabam reforçando que esses sejam encaminhados para as escolas especiais, ou seja, separados das turmas regulares de ensino.

No longo caminho percorrido para que ocorra a inclusão de pessoas com NEE, Brasil (2010) em seu texto sobre “Marcos histórico e normativo” cita:

[...] Em 1973, o MEC cria o Centro Nacional de Educação Especial – CENESP [...] mas ainda configuradas por campanhas assistenciais e iniciativas isoladas do Estado. [...] A Constituição Federal de 1988[...] No seu artigo 206, inciso I, estabelece a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” como um dos princípios para o ensino e garante, como dever do Estado, a ofertado atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (art. 208). [...] O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069/90, no artigo 55, reforça os dispositivos legais supracitados ao determinar que “os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino”. [...] (BRASIL, 2010, p. 12).

O autor, Brasil (2010), coloca os marcos Históricos e Normativos que levaram as pessoas com NEE à rede regular de ensino e chega as:

[...] Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, no artigo 2º, determinam que: os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (BRASIL, 2010, p. 13,14).

O mesmo, Brasil (2010) continua sua escrita colocando leis e decretos que assegurem os direitos acima citados. Como conclusão do capítulo de seu texto coloca que:

Para a implementação do PDE é publicado o Decreto nº 6.094/2007, que estabelece nas diretrizes do Compromisso Todos pela Educação, a garantia do acesso e permanência no ensino regular e o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos, fortalecendo seu ingresso nas escolas públicas (BRASIL, 2010, p. 17).

Com tantas leis sendo aprovadas foi na prática que as escolas e os docentes que nela atuam tiveram que se organizar para incluir alunos com NEE. Pela escola é que estes educandos terão oportunidade de integrarem-se com maior facilidade na sociedade.

Aranha (2000) nos coloca:

A provisão de suportes físicos, pessoais, materiais (equipamentos, recursos), técnicos e sociais começa a ser estudada (Correr, 2000) e a se desenvolver, como estratégia de viabilização do processo de inclusão, nas diversas áreas da vida em sociedade: comunidade, educação e trabalho (ARANHA, 2000, p. 4).

Como abordado pela autora, é possível com suporte certo que pessoas com NEE possam interagir melhor. Portanto, porque restringi-las a uma escola especial?

Nesta visão de ensino todas as escolas são inclusivas e trabalham com a diversidade. Está na hora de refletirmos sobre como educar para todos sabendo a variedade enorme que iremos encontrar. Com propriedade em sua escrita Mrech (2001) coloca:

A Educação Inclusiva não surgiu ao acaso. Ela é um produto histórico de uma época e realidade educacionais contemporâneas. Uma época que exige que nós abandonemos muitos dos nossos estereótipos e preconceitos, na identificação do verdadeiro objeto que está sendo delineado em seu bojo: [...] (MRECH, 2001).

Como produto histórico temos que (re)pensar em uma educação sem preconceitos e discriminação para que todos tenham acesso à qualidade no ensino e como consequência possam transformar a realidade em que vivem. Com turmas heterogêneas, os professores procuram adaptar-se aos novos currículos que devem ser planejados.

Outro ponto interessante que podemos constatar com a integração do ensino regular com o especial é que em nossas escolas sempre tivemos diversidade, diferenças, e que, para estas, adequávamos o planejamento, pois cada indivíduo é único e não há uma fórmula pronta e certa para ensinar e sim caminhos que nos levam a mediar à construção do conhecimento. Com os alunos com NEE temos uma diversidade a mais e não são eles que devem adequar-se às escolas, mas as escolas que devem dar condições de acesso a esses.

2.2.2 Tecnologia Assistiva na Escola

Para que as escolas possam dar condições de acesso às pessoas com NEE foram pensadas várias formas e uma delas é a tecnologia assistiva (TA). Sobre as políticas públicas que foram criadas para que a TA façam parte do contexto educativo temos as colocações de Assis e Martinez (2011):

Os decretos, as leis e políticas também preconizam a utilização de TA nos contextos educacionais, dentre eles, o Decreto n. 3.298 de 20 de dezembro de 1999 cita que as ajudas técnicas na escola são equipamentos e materiais pedagógicos especiais para a educação. Outro decreto, o n. 6949 de 25 de agosto de 2009 reforça a ideia da necessidade de utilização dos recursos de TA. A política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva (BRASIL, 2008) instituiu que o atendimento educacional especializado deve ser constituído por um conjunto de recursos educacionais e de estratégias de apoio colocados à disposição dos alunos, proporcionando-lhes diferentes alternativas de atendimento, de acordo com as necessidades de cada um, para garantir que as especificidades dos alunos não trabalhadas na classe comum, sejam amparadas. (ASSIS; MARTINEZ, 2011, p. 96).

Com o apoio das tecnologias, podemos fazer com que os alunos com NEE possam desenvolver as atividades com maior autonomia e, assim, participar de forma efetiva do processo de aprendizagem. Os recursos tecnológicos promovem apoio aos alunos de acordo com suas especificidades como citado pelas autoras. Desta forma, a inclusão de pessoas com NEE em turmas regulares se torna mais eficaz.

Os recursos que são proporcionados pela TA são variados e devem ser adaptados conforme a NEE de cada aluno, dessa maneira eles terão as mesmas oportunidades de aprender que seus colegas na turma em que estão incluídos. Educar para todos é perceber a diversidade de cada um. É buscando maneiras diferenciadas de ensinar que os professores terão oportunidade de despertar a curiosidade de seus alunos. Veremos, a seguir, como a mídia vídeo pode ser uma forma de ensinar a todos, mas com a preocupação de inovar a prática pedagógica em turmas com as mais variadas diversidades.

2.3 O USO DO VÍDEO NA EDUCAÇÃO

Mesmo diante de uma mudança de paradigmas educacionais, o modelo que ainda predomina em várias instituições de ensino é o modelo Tecnicista de educação. Neste modelo, conforme Behar, Bernardi e Passerino (2007), a prática vivenciada pelo aluno não desperta curiosidade, pois não apresenta nenhuma relação com o cotidiano, privilegiando apenas o acúmulo de conhecimentos, valores e normas.

Na busca de inovações para a prática docente, encontra-se o vídeo que estimula a sensibilidade de crianças, jovens e adultos devido ao encontro simultâneo de palavras, gestos e movimentos. Dessa forma, autores como Treisman (1998), Moran (1995), Gomes (2008), entre outros, apontam inúmeros benefícios do uso de audiovisuais em ações pedagógicas.

Concorda-se com Moran (1995) quando esse aponta para as diferentes maneiras de uso adequado do vídeo: para sensibilizar, ilustrar, simular, como conteúdo pedagógico, ou até mesmo produção de vídeo.

Para Treisman (1998), a percepção visual é a matriz inicial do conhecimento e da linguagem dos seres humanos. Assim, ao invés de uma aula pautada em ações

verbais, o professor poderá associar imagens, movimento, o que contribuirá para a construção do conhecimento.

O vídeo envolve quase todos os sentidos. De acordo com Moran (1995), “o vídeo combina a comunicação sensorial-cinestésica, com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão”. As linguagens dos audiovisuais sensibilizam os jovens. “O jovem lê o que pode visualizar, precisa ver para compreender. Toda sua fala é mais sensorial-visual do que racional e abstrata” (MORAN, 1995).

Porém, Gomes (2008), alega que existe uma quantidade muito grande de materiais audiovisuais, muitas de qualidade duvidosa, com teor conteudista, superficial, descontextualizado. O autor ainda ressalta que muitos “vídeos didáticos” utilizam uma linguagem semelhante ao “livro”, outros se parecem com aulas, palestras ou entrevistas gravadas e, dessa forma, não conseguem despertar o interesse do aluno. Assim, não podemos deixar de observar que esta importante ferramenta pode tornar-se, apenas, mais um artefato usado para enfeitar a aula e não um objeto de aprendizagem.

Para Moran (1995), assim como existem maneiras adequadas de uso do vídeo, existem também usos inadequados, descritos como: vídeo “tapaburaco”, vídeo “enrolação”, vídeo “deslumbramento”, vídeo “perfeição” e só “vídeo”. A intenção do autor ao denominar os vídeos acima é sensibilizar o professor para uma reflexão diante do uso dos audiovisuais em suas aulas. Podemos ver a seguir alguns estudos sobre o uso de audiovisuais na educação.

2.3.1 Estudos Correlatos

É importante destacar, nesta pesquisa, alguns estudos já realizados correlacionados ao tema. Nesses poderemos observar como o uso da mídia vídeo pode contribuir na aprendizagem.

Para Christofolletti (2009) “usar filmes na sala de aula, recorrer à programação da TV e a outros meios de comunicação contribui decisivamente para o alargamento das fronteiras da escola, e do ensino como um todo.” O autor em questão, em sua pesquisa, analisou respostas de docentes sobre o uso de filmes em sala de aula e descobriu que estes docentes consideram os filmes como recurso

didático importante e não meramente ilustrativos. Desta forma, este estudo aponta que o uso de audiovisuais é importante para a sensibilização e estimulação no processo de ensino e aprendizagem.

Outro estudo que cabe também destacar aqui é de Linhares (2005), que coloca:

A ideia de que imagens e sons transformados em filmes, vídeos e outros programas, contribuem, enquanto linguagem comunicacional, para a melhoria do trabalho de construção/apropriação do conhecimento. Arelada a esta questão, ocorre também a ideia de que a escola deve estar preparada para conviver e se utilizar desta linguagem (LINHARES, 2005, p. 9).

As constatações do autor nos levam a refletir sobre como utilizar este importante recurso para que possamos contribuir com o processo de desenvolvimento na comunicação de nossos alunos. A escola, estando preparada, é capaz de promover o desenvolvimento da criticidade de seus estudantes.

Contudo, este trabalho pretende apresentar exemplos práticos de sala de aula em turmas das séries iniciais do ensino fundamental que possuem alunos com NEE. A relevância da mídia vídeo para a construção da aprendizagem destes educandos é de extrema importância, pois os recursos tecnológicos utilizados em práticas de sala de aula favorecem a aprendizagem de forma mais estimulante.

Como educadores, podemos levar aos nossos alunos maneiras com que eles possam produzir novos olhares questionando e criticando de forma a transformar o mundo em que vivem. Tendo em vista estas reflexões, é necessário pensar em um planejamento adequado para nossas aulas utilizando a mídia vídeo.

2.3.2 Como Planejar Aulas Utilizando Vídeos?

Como educadores, devemos refletir sobre formas adequadas de uso do vídeo através de um planejamento sensato e coerente com a realidade dos alunos para que ocorra uma aprendizagem efetiva. Com competência, devemos escolher previamente o vídeo que queremos apresentar aos alunos, observando que esse vídeo deve estar ligado aos temas trabalhados.

Faz-se necessário que o professor pesquise um acervo de vídeos de acordo com os temas de aprendizagem e de interesse dos alunos, pois é importante que esses vídeos não sirvam apenas para ilustrar a aula como outros recursos já utilizados (por exemplo: cartazes) e sim que despertem a curiosidade dos educandos em aprender.

Mandarino (2002) destaca a importância de um planejamento criterioso quanto ao uso dos audiovisuais na sala de aula, pois nem todos os temas e conteúdos escolares combinam com a leitura de audiovisuais. “O vídeo só deve ser utilizado como estratégia de ensino quando for adequado e puder contribuir significativamente para o desenvolvimento do trabalho” (MANDARINO, 2002).

Neste caso, o papel do professor é essencial. Através de sua experiência e conhecimento ele deve ser capaz de identificar ocasiões adequadas para o uso do vídeo, assim como deve prever, dentre tantos audiovisuais, aquele que mais se ajusta a determinado conteúdo.

Brandão (2006) aponta algumas sugestões para preparar a aula com vídeo:

1º Assista ao filme mais de uma vez e veja se é preciso passá-lo na íntegra ou apenas partes selecionadas. 2º Observe se existem cenas desapropriadas para a faixa etária dos alunos. 3º Deixe claro para a turma que o filme representa um episódio histórico, mas não é a realidade. 4º Prepare um roteiro de perguntas e alerte os alunos para perceberem os conflitos, o tema e personagens. 5º Deixe claro que o filme na escola é um recurso didático e uma forma de conhecimento, e não mero entretenimento ou uma maneira de “matar a aula” (BRANDÃO, 2006).

Outro ponto que deve ser destacado do estudo de Brandão (2006) diz respeito às diversas “visões de mundo” impregnadas nos filmes que abordam temas históricos. Assim:

Tornam-se valiosas as situações em que o professor seleciona duas ou três fitas que retratam um mesmo período histórico e estabelecem relações com os alunos: se as mesmas possuem concordâncias ou divergências no tratamento do tema, no modo como reconstituem cenários, na escolha de abordagem, no destaque às classes oprimidas ou vencedoras, na defesa de ideias pacifistas ou fascistas (BRANDÃO, 2006).

Sob essa perspectiva, acredita-se que o uso de diferentes audiovisuais sobre um determinado tema em uma mesma aula oferece mais argumentos para o debate. Nessa situação, o ensino vai além da transmissão de informações e o professor pode propiciar situações de aprendizagem significativas para os alunos através da

comparação, interpretação, provocando o debate e a análise crítica sobre as diferentes linguagens.

Almeida (2005) descreve:

[...] a partir da busca e da organização de informações oriundas de distintas fontes e tecnologias, valoriza-se a articulação entre as novas formas de representação de conhecimentos por meio das mídias e respectivas formas de linguagem que mobilizam pensamentos criativos, sentimentos e representações, contribuindo para a comunicação, a interação entre as pessoas e objetos de conhecimento, a aprendizagem e o desenvolvimento de produções (ALMEIDA, 2005, p. 40).

Assim, é possível constatar a importância de um bom planejamento para a obtenção de um resultado positivo nas aulas com vídeos. Muito mais importante que a escolha do filme é o uso que será feito dele.

3 METODOLOGIA

Nesse capítulo será discutida a trajetória metodológica percorrida para o desenvolvimento deste trabalho, os participantes envolvidos e os procedimentos para a coleta e análise dos dados. A escolha da metodologia é importante, pois deve atender aos objetivos da pesquisa e às expectativas pretendidas. Para isso, é escolhido um método visando atender aos anseios do pesquisador.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A abordagem metodológica utilizada na pesquisa é de cunho qualitativo, de caráter exploratório, fundamentada em levantamento bibliográfico, entrevistas e questionários individuais realizados por meio de questões semiestruturadas para realizar a análise dos dados coletados.

A pretensão, com esta linha de pesquisa, é analisar a importância do vídeo em turmas do ensino regular que possuem alunos com necessidades educacionais especiais incluídos: Percepção dos professores em uma escola situada na periferia de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Os sujeitos pesquisados foram professores e alunos da escola citada.

Ao selecionar os alunos fez-se necessário filtrar o número de pesquisados tendo em vista o tempo que teria para elaborar a monografia (poderia se tornar cansativo e não prever um tempo hábil para análises consistentes).

A escola possui dezoito docentes que atendem vinte e duas turmas de primeira a sexta série do ensino fundamental de nove anos.

Sobre os alunos: foi pesquisado em três turmas, sendo que a escolha foi realizada em turmas que possuem alunos com NEE incluídos. Foram escolhidos dez alunos de cada turma. A seguir apresenta-se a coleta de dados obtida com o questionário para professores (Apêndice A) e entrevista com alunos (Apêndice B).

3.3 COLETA DE DADOS

Para coletar os dados, foram escolhidas as técnicas de questionários e entrevistas.

Os questionários com questões semiestruturadas foram aplicados aos dezoito docentes da escola. Os professores responderam e entregaram questionário (Apêndice A) entre os dias 15 a 26 de outubro de 2012.

Foram realizadas entrevistas para os alunos com questões semiestruturadas. Esta técnica foi escolhida para facilitar aos entrevistados tendo em vista que esses estão no processo de alfabetização e segundo Barbosa esse método possui como pontos fortes “... Flexibilidade na aplicação;... Pode ser aplicada = pessoas não aptas à leitura.” (BARBOSA,1998)

Os alunos participaram e responderam entrevista conforme o questionário (Apêndice B) entre os de 15 a 26 de outubro de 2012. Por serem das séries iniciais do ensino fundamental e ainda estarem em processo de alfabetização eles foram auxiliados pela pesquisadora junto com a professora titular das turmas

3.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados foi descritiva, realizada após coleta de dados com questionários e entrevistas aplicados em docentes e discentes da escola escolhida para este estudo. Esta análise proporcionou responder aos objetivos da pesquisa e compreender mais sobre o tema estudado.

Foram elaborados gráficos para auxiliar na análise dos resultados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados os resultados obtidos através de questionários aplicados aos professores (Apêndice A) e entrevistas aplicadas aos alunos (Apêndice B). Na apresentação dos resultados da pesquisa, procurou-se responder ao objetivo de investigar a importância do vídeo em turmas do ensino regular que possuem alunos com necessidades educativas especiais incluídos: Percepção dos professores em uma escola situada na periferia de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre

4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS PROFESSORES

Os dezoito professores pesquisados entregaram os questionários. O questionário destinado a esses foi elaborado em três partes sendo a primeira a identificação quanto ao sexo, tempo em que está na escola, função, série, turmas que atende. Na segunda parte estão às questões de um a cinco que abordam as concepções sobre inclusão. Na terceira parte estão as questões de seis a quatorze que abordam o tema as tecnologias e mídia vídeo na prática docente.

4.1.1 Identificação dos Professores

Quanto ao sexo, temos quatorze feminino e quatro masculinos. A maioria dos professores é do sexo feminino.

Quanto ao tempo em que estão na escola, apenas dois professores estão desde sua fundação, doze anos. Três estão há sete anos. Cinco estão há quatro anos. Três estão há dois anos e cinco estão há um ano.

A escola possui vinte e duas turmas sendo onze turmas atendidas no turno da manhã e onze no turno da tarde. Os docentes estão distribuídos da seguinte forma: doze professores atendem o currículo por atividades, ou seja, dezenove turmas de primeira a quinta-série do ensino fundamental de nove anos sendo que alguns atendem nos turnos manhã e tarde. Seis professores atendem os alunos por área de estudos, ou seja, três turmas de sexta-série do ensino fundamental de nove anos.

4.1.2 Concepções Sobre Inclusão: o que pensam os professores

A questão número um foi elaborada para investigar se nas turmas que os docentes atuam existem alunos com NEE e quais são estas necessidades. Podemos observar na Figura 1:

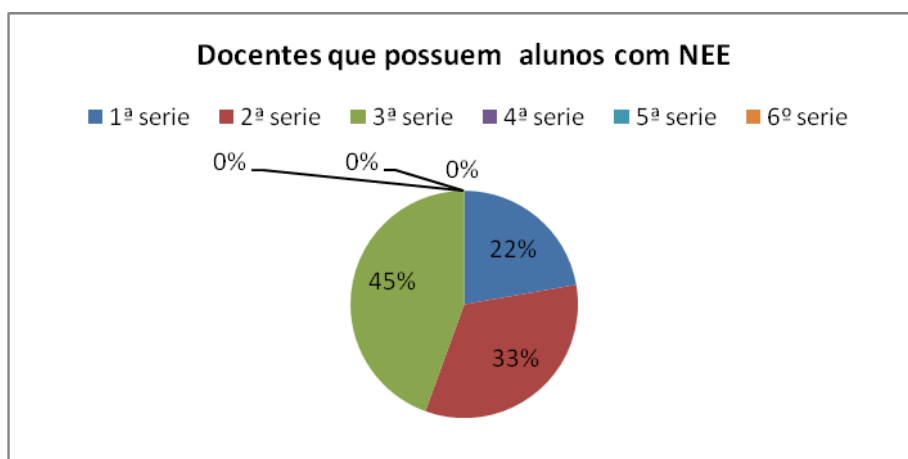


Figura 1: Docentes que possuem alunos com NEE.

Fonte: a autora

Nove professores responderam que sim, sendo que alguns atendem turmas da manhã e da tarde. Encontrou-se um total de doze turmas com alunos com NEE. Temos 45% de professores de terceira série atuando em turmas com alunos com NEE, 33% de professores atuando em turmas da segunda série de alunos com NEE e 22% de professores atuando em turmas de primeira série com alunos com NEE.

Observou-se pelas respostas dos docentes que esses alunos são de turmas de primeira a terceira série do ensino fundamental de nove anos.

As necessidades especiais descritas por professores de dez turmas foram: paralisia cerebral, autismo, deficiência mental, deficiência física (motora), dificuldades de fala, déficit de atenção, deficiência auditiva leve. Relatam que são alunos com laudo médico.

As necessidades descritas por dois professores de duas turmas foram: diversas, vulnerabilidade social, baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem, hiperativismo. Relatam que estes alunos não têm laudo médico.

Com um total de vinte e duas turmas na escola e doze turmas com alunos com NEE pode-se dizer que mais da metade das turmas possuem alunos incluídos e com variadas NEE. Como podemos observar no gráfico (Figura 2)

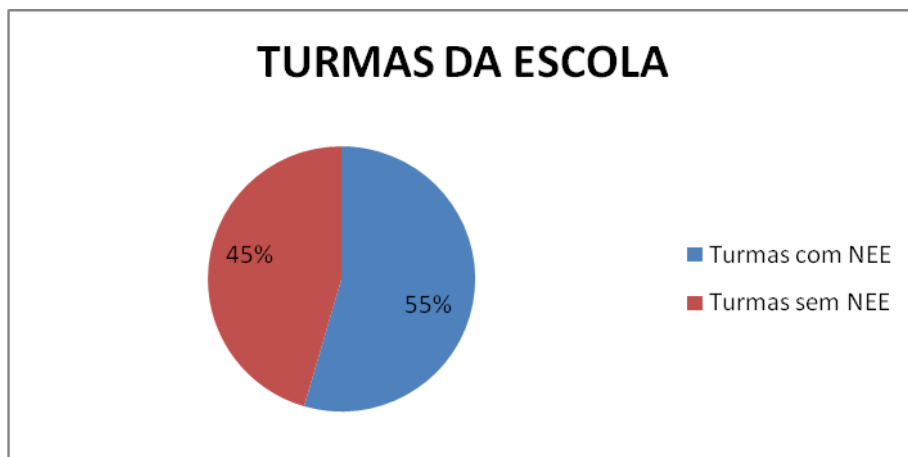


Figura 2: Turmas da escola.

Fonte: a autora

A escola está matriculando os alunos com diversos tipos de NEE. Temos a constatação do cumprimento da lei como cita Brasil (2010):

[...] Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, no artigo 2º, determinam que: os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (BRASIL, 2010, p. 13,14).

A questão número dois (Apêndice A) pergunta aos professores:

Você acredita que a inclusão de alunos com necessidades especiais em turmas regulares é uma política pública importante para a sociedade e o ensino?

Dos dezoito professores quatorze colocaram que sim e quatro que não.

Foi pedido para citar um motivo e dos que responderam que sim.

- 1Dois professores colocaram:

Existência da “troca” e evolução de si e do outro. (R)

1 As colocações dos professores foram identificadas por letras do alfabeto aleatoriamente e sexo (F para Feminino e M para Masculino) ao final da transcrição.

Porque são cidadãos com os mesmos direitos e deveres que os demais na sociedade. (G)

As respostas desses professores reforça o que foi colocado por Mantoan (2004):

[...] a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita aos alunos com deficiência e aos que apresentam dificuldades de aprender, mas envolve todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral (MANTOAN, 2004, p. 40).

Para obter sucesso educacional a autora observa que é preciso levar em consideração todos os alunos independentemente de sua condição. Para estes educadores, a inclusão é direito e proporciona troca independente da NEE que o aluno apresente.

- 2Quatro professores colocaram:

Desde que seja dado ao aluno e ao professor o suporte necessário. (M/F)

Quando tiver condições de incluí-los, com estrutura para isto. (A/F)

Para incluir tem que ter condições no prédio da escola. (J/F)

Nos falta suporte, qualificação e estrutura. (R/F)

Quanto aos anseios colocados por estes profissionais podemos refletir sobre as palavras de Sanches e Teodoro (2006):

Numa escola inclusiva só pode existir uma educação inclusiva, uma educação em que a heterogeneidade do grupo não é mais um problema, mas um grande desafio à criatividade e ao profissionalismo dos profissionais da educação, gerando e gerindo mudanças de mentalidades, de políticas e de práticas educativas (SANCHES; TEODORO, 2006, p. 72).

As práticas educativas sofrerão mudanças quando as políticas públicas tiverem sido realmente implementadas e desta forma a vontade não é apenas o que é preciso, mas suporte para que o processo de inclusão ocorra com estes educandos e não passe a excluí-los.

- 3Um professor colocou:

Se houver uma análise de uma equipe clínica para ver se realmente há como incluir na escola regular, pois ai a escola não vira depósito e nem sobrecarrega o professor. (B/F)

2As colocações dos professores foram identificadas por letras do alfabeto aleatoriamente e sexo ao final da transcrição.

3 As colocações dos professores foram identificadas por letras do alfabeto aleatoriamente e sexo (F para Feminino e M para Masculino) ao final da transcrição.

Nessa colocação podemos ver a preocupação do professor em que exista uma equipe para selecionar os alunos a serem incluídos. Mesmo sendo a favor da inclusão este profissional não recordou ou desconhece o decreto que Brasil (2010) cita:

Para a implementação do PDE é publicado o Decreto nº 6.094/2007, que estabelece nas diretrizes do Compromisso Todos pela Educação, a garantia do acesso e permanência no ensino regular e o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos, fortalecendo seu ingresso nas escolas públicas. (BRASIL, 2010, p.17).

Todos os alunos devem ser matriculados nas escolas e essas devem dar condições necessárias para uma educação de qualidade a todos.

- Sete professores não colocaram nenhum motivo.

Pelo estudo, a maioria dos professores colocaram que SIM, acreditam na inclusão mesmo com inquietações sobre o tema. A autora Mantoan (2004) coloca que “[...] Os sistemas escolares também estão calcados em um pensamento que recorta a realidade, que permite subdividir os alunos em “normais” e com deficiência. [...]”, ou seja, nossas escolas possuem uma visão mecanicista e determinista, ignorando o afetivo e dessa maneira segundo a autora “[...] não conseguimos romper com o velho modelo escolar, para produzir a reviravolta que a inclusão impõe.”.

Dos quatro professores que responderam que não:

- 4Três colocaram:

Não há estrutura nem pessoal preparado para atender estas necessidades. (M/M)

Profissionais sem qualificação para dar suporte à inclusão. (C)

Não estudei para atender alunos com necessidades especiais. (BB)

Analisando os motivos da não aceitação dos alunos com NEE em turmas regulares podemos perceber que as inquietações são parecidas com as daqueles que responderam sim. Falta de pessoal preparado, qualificação, estrutura e qualificação. Para Mantoan (2004):

[...] É como se esse espaço fosse de repente invadido e todos os seus domínios tomados de assalto. A escola se sente ameaçada por tudo o que ela criou para se proteger da vida que existe para além de seus muros e paredes (MANTOAN, 2004, p. 37).

4 As colocações dos professores foram identificadas por letras do alfabeto aleatoriamente e sexo (F para Feminino e M para Masculino) ao final da transcrição.

Os sentimentos dos educadores são fortes quando esses não se sentem preparados para lidar com as questões de inclusão. Como nos coloca a autora citada “[...] É como se esse espaço fosse de repente invadido e todos os seus domínios tomados de assalto [...]” (MANTOAN, 2004). Fica a reflexão de que as escolas devem preparar melhor seus profissionais para lidarem com as NEE.

- Um professor não colocou motivo.

A pergunta número três (Apêndice A) é referente ao conhecimento dos professores quanto às políticas públicas que validam a inclusão de alunos com NEE nas turmas regulares. Dos dezoito professores doze marcaram que conhecem as políticas e seis que não.

Dos doze professores que conhecem estas leis apenas quatro marcaram todas as alternativas dadas. Dois marcaram o ECA, Lei nº 8.069/90, no artigo 55 e seis professores justificaram na alternativa outros: conhecer, mas não por números da Lei.

Podemos constatar por essa questão que é necessário mais estudo nas instituições escolares. A qualificação profissional na área da educação é fundamental para que a escola inclusiva seja de fato na prática.

A Pergunta número quatro (Apêndice A) “*O que é para você uma escola inclusiva?*”.

As respostas poderiam ter várias alternativas, a maioria dos professores assinalou “*uma escola que educa para todos independente da diversidade*”.

Com a resposta refletimos o que Mrech (2001) coloca: “[...] A Educação Inclusiva não surgiu ao acaso. Ela é um produto histórico de uma época e realidade educacionais contemporâneas. [...]” e sendo assim, os educadores vivem em uma época onde incluir é preciso e necessário para que os indivíduos possam exercer plenamente seus direitos.

4.1.3 Tecnologia e Mídia Vídeo na Prática Docente

A pergunta cinco (Apêndice A):

Você acredita que a tecnologia possa auxiliar na aprendizagem de turmas com alunos especiais?

Todos os professores responderam que SIM, a tecnologia pode auxiliar na aprendizagem de alunos com NEE. Essas respostas demonstram que os educadores estão interessados em levar a seus alunos práticas inovadoras,

Sobre quais as mídias que os professores utilizam em suas aulas vamos acompanhar em forma de gráfico (Figura 3) para analisar. (Questão seis: Apêndice A)

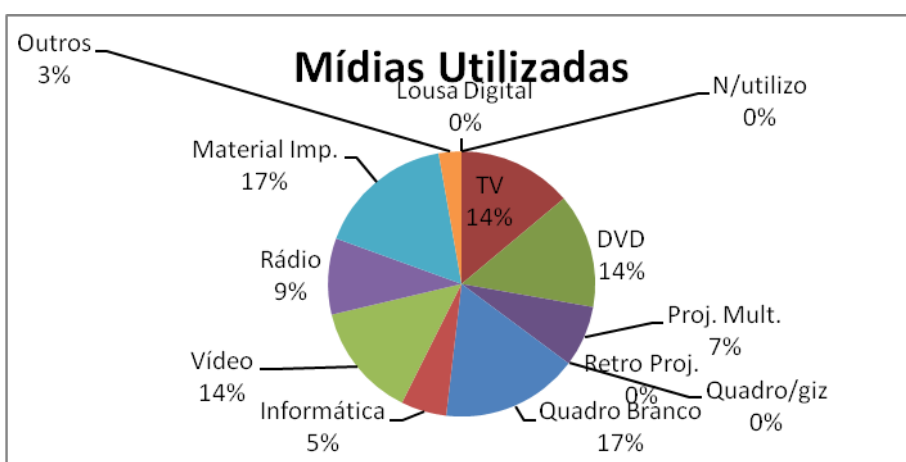


Figura 3: Mídias Utilizadas.

Fonte: a autora

Ao observarmos o gráfico podemos notar que as mídias mais utilizadas pelos professores são o material impresso e o quadro branco. O vídeo e DVD ficam em segundo lugar e TV em terceiro. Poucos utilizam o projetor multimídia, a informática e o rádio.

Conforme as evoluções de comunicação que estão surgindo com as mídias e tecnologias os recursos poderiam ser mais aproveitados pelos educadores e mais variados. Neste caso, concordamos com Moran (1995) que coloca “A escola pode ser um espaço de inovação, de experimentação saudável de novos caminhos. [...]” Desta forma, podemos despertar a curiosidade em nossos alunos e levá-los a aprender coisas novas. Acreditamos que falta a qualificação e o preparo necessário para que esses utilizem mais as mídias informática e até o projetor multimídia em seus vídeos.

Para os dezoito professores a utilização das mídias em suas aulas SIM, é importante. (Questão Sete: Apêndice A)

As formas pelas quais utilizam foram marcadas em mais de uma alternativa. As formas vão ser apresentadas em forma de gráfico (Figura 4):

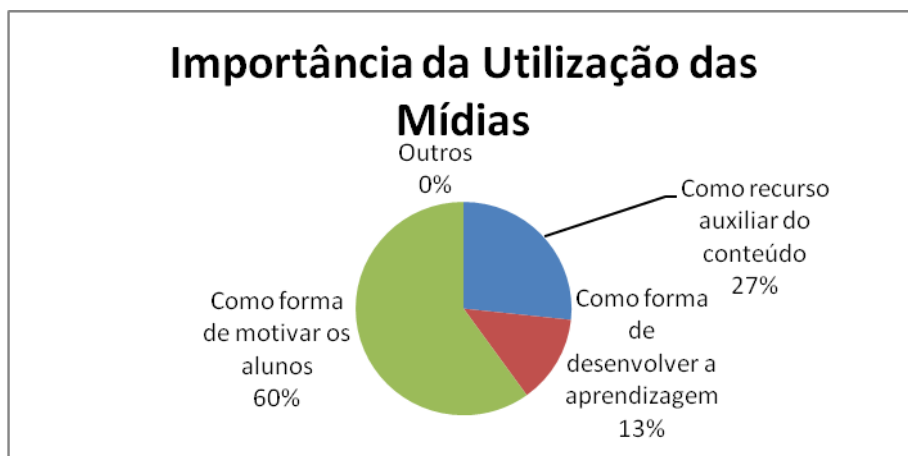


Figura 4: Importância da Utilização das Mídias.

Fonte: a autora.

A motivação foi a forma pela qual os professores mais utilizam as mídias. Os recursos tecnológicos que levam para suas aulas são maneiras de chamar a atenção dos alunos e depois auxiliar no conteúdo.

Na questão oito (Apêndice A) sobre como os seus alunos interagem entre si quando você utiliza tecnologia a maioria dos professores marcaram as várias alternativas. Portanto, notam que os alunos ficam motivados, felizes, animados e compartilhando. Uma professora na opção outros acrescentou “entusiasmados (A)”. Quando interagem entre si as crianças aprendem mais. Para Vygotsky (1998) somente através da interação da criança com outras pessoas em seu meio e da troca de experiências é que despertará diversos processos internos de desenvolvimento, estabelecendo o aprendizado.

Dos dezoito professores dezesseis responderam que SIM, já utilizaram a mídia vídeo em suas aulas. (Questão nove: Apêndice A).

O gráfico (Figura 5) a seguir mostra a frequência da utilização do vídeo na aula. (Questão dez: Apêndice A):

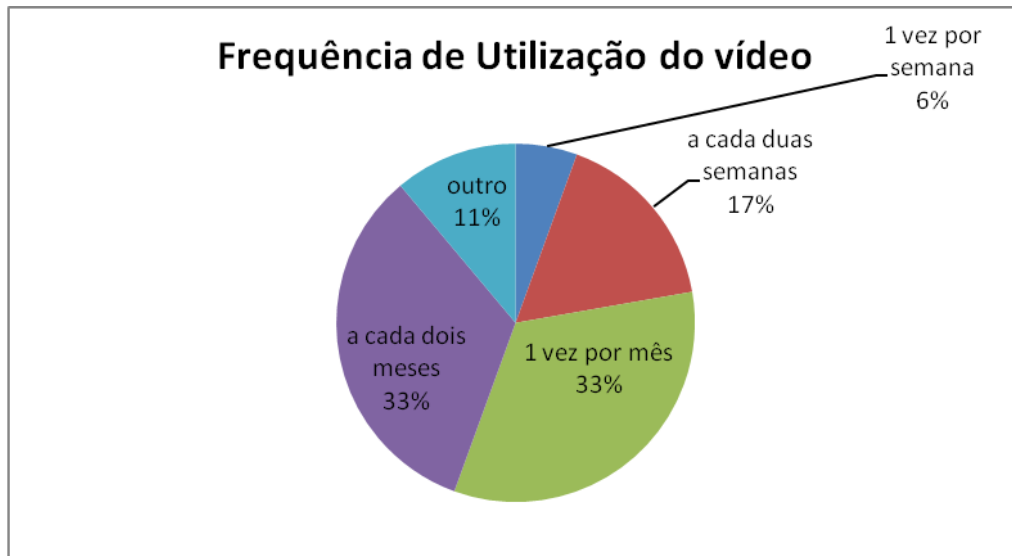


Figura 5: Frequência de Utilização do Vídeo.

Fonte: a autora.

Percebeu se que os professores utilizam o vídeo uma ou duas vezes por mês. Quem utiliza com esta frequência é a maioria professores de quarta-série, quinta-série e sexta-série. Sendo que dois professores de sexta-série marcaram a opção outro com a justificativa que raramente usam ou não existe periodicidade fixa.

Os professores de primeira-série utilizam uma vez por semana.

Os de segunda-série e terceira-série utilizam a cada duas semanas Nestas turmas encontra-se a maioria dos alunos com NEE. Com este público em específico é importante o uso do vídeo, pois “O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, do próximo, que toca todos os sentidos.” (MORAN, 1995). Assim o desenvolvimento das habilidades destes alunos será maior ao tocar todos os sentidos.

Segundo Moran (1995) o vídeo “Aproxima a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana, e também introduz novas questões no processo educacional.” Neste contexto quanto mais trouxermos para nossas aulas vídeos, com maior frequência, maiores serão as oportunidades de desenvolver a comunicação e interação entre nossos alunos e mais a aprendizagem pode se efetivar.

Em relação sobre qual a importância do uso do vídeo para a aprendizagem dos alunos (Questão onze: Apêndice A) podemos observar o gráfico (Figura 6):



Figura 6: Importância do Vídeo.

Fonte: a autora.

Doze professores marcaram que teve muita importância (67%), quatro que teve pouca importância (22%) e dois que não teve nenhuma importância (11%). A maioria dos educadores acredita ter muita importância o uso do vídeo para a aprendizagem.

A próxima questão corrobora com a anterior, pois quando perguntados como é a aprendizagem e atenção de seus alunos especiais com o uso dos vídeos (Questão doze: Apêndice A) os mesmos doze marcaram que é muito boa (67%), os mesmos quatro que é boa (22%) e os mesmos dois marcaram que não há (11%). Os doze professores (67%) nas duas questões possuem alunos com NEE. Nota-se pelas respostas dos educadores que o uso do vídeo é substancial no ensino e de acordo com Moran (1995), “o vídeo combina a comunicação sensorial-cinestésica, com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão”.

Quando perguntados sobre a escolha dos vídeos para utilizar nas aulas a maioria dos docentes colocaram que escolhem previamente. Essa constatação é relevante, pois desta maneira é possível planejar a ação que se quer realizar com este recurso. Mandarino (2002) destaca a importância de um planejamento criterioso quanto ao uso dos audiovisuais na sala de aula, pois nem todos os temas e conteúdos escolares combinam com a leitura de audiovisuais. O papel do educador neste caso é essencial, pois muito mais importante que a escolha do filme é o uso que será feito dele.

Para finalizar, foi pedido aos professores que descrevessem alguma experiência com o uso do vídeo em suas aulas. Segue algumas transcrições:

5 No início do ano, eu a professora G da outra turma de primeira série, trabalhamos o “eu”, a identidade, cuidados com o corpo (imagem) autoestima. Utilizamos um vídeo de mais ou menos quarenta minutos, “A Chupeta”, que é muito válida, pois adapta a linguagem, prática, vivências. (Professora R/F: Primeira série)

Eu utilizo o vídeo para introduzir, concluir ou complementar um projeto e é relevante, pois eles fazem relação do que viram com o que é trabalhado ou vice-versa. Teve uma situação, quando trabalhei o dia do índio, que usei como introdução o filme “Tainá” e no desenrolar dos dias eu ia reportando o que eu estava trabalhando com o que vimos no filme e um alunos disse: “É por isso que a senhora passa filme, pra gente entender a matéria (Professora M/S: Segunda série).

Projeto meio ambiente (mídias diversas): vídeos, animações, áudio, jogos interativos. Foi muito relevante para o desenvolvimento integral dos alunos (Professora D/F: Terceira série)

:

Vídeo da Galinha Pintadinha, do YOU TUBE, assisti com os alunos para ilustrar o projeto “Sanduiche da Maricota”. (Professora ME/F: Terceira série)

Filme “Gigante de Aço”. Relação pai e filho. Filho aprende a gostar do pai. Utilizei para reflexões junto aos alunos sobre a figura paterna. (Professora A/F: Quarta série)

Utilizo vídeos sempre que inicio algum conteúdo novo, pois há uma explicação e visualização mais aprofundada do assunto. (Professora B/F: Quinta série)

No projeto “Semana Farroupilha”, utilizei vários vídeos curtos sobre as tradições do Rio Grande do Sul (principalmente as danças) e o Hino também. Notei que os alunos aprenderam melhor o Hino lendo as legendas e escutando ao mesmo tempo. Depois de assistir os vídeos separei a turma em grupos e cada grupo apresentou um número de dança. Nós filmamos as apresentações e assistimos juntos. Os alunos adoraram verem-se nas filmagens. (Professora C/F: Quinta série)

Vi com os alunos da sexta-série um trecho de um desenho do Asterix com o objetivo de mostrar a diversidade de povos que tiveram contato com Roma na época de Julio Cesar. Como o filme é antigo (meados dos anos 80), a aceitação do vídeo foi variada entre os alunos. (Professor T/M, História: sexta série).

A sexta-série assistiu ao filme “Marley e Eu”. A partir da exibição do filme houve discussão sobre a história, houve produção textual e conteúdos gramaticais. Foram trabalhados com a temática relacionada ao filme. (Professora CA/F, Português: sexta série).

5 Transcrições do que escreveram os professores no questionário, identificados pelas letras aleatórias do alfabeto e sexo, sendo (F) feminino e (M) masculino. (Questão 14: Apêndice A)

Pelas experiências dos professores com o uso do vídeo em sala de aula notamos que utilizam esta mídia para inovar sua prática e assim atender a todos os alunos independente de suas singularidades. Para Treisman (1998), “a percepção visual é a matriz inicial do conhecimento e da linguagem dos seres humanos”. A percepção visual desta forma, com aulas com vídeos, possibilita o desenvolvimento da aprendizagem em aulas mais prazerosas.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS DOS ALUNOS DA ESCOLA

Para coletar dados dos alunos foi pesquisado em três turmas sendo que a escolha foi realizada em turmas que possuem alunos com necessidades especiais incluídos. Uma turma de primeira-série, uma turma de segunda-série e uma turma de terceira-série. Foram escolhidos dez alunos de cada turma sendo cinco do sexo masculino e cinco do sexo feminino escolhidos aleatoriamente.

Foram realizadas entrevistas. Por serem os alunos das séries iniciais do ensino fundamental e ainda estarem em processo de alfabetização eles foram auxiliados pela pesquisadora junto com a professora titular das turmas. O local para a realização das entrevistas foi a Biblioteca da escola, pois é calma e tranquila. Foi explicado individualmente a cada aluno o motivo da entrevista.

A apresentação dos dados foi realizada por turma e identificada a seguir por série e turno.

4.2.1 Turma 1: Primeira série- Turno da Manhã

- O que pensam os alunos sobre a inclusão:

Ao serem perguntados se existem colegas com necessidades especiais em sua turma (Questão um: Apêndice B) a primeira reação dos alunos desta turma foi perguntar; “O que é isto?”. Foi explicado para eles o que é NEE. Então responderam que SIM. Logo a seguir quando perguntados sobre qual a NEE de seu colega (Questão dois: Apêndice B) responderam que:

6Ele não fala e corre pela sala. (E)

Ele foge da professora e não faz os trabalhos. (M)

6 As colocações dos alunos serão identificadas pelas letras do alfabeto aleatoriamente ao final da transcrição.

Ele já rasgou meus trabalhinhos. (W)

Ele não fala direito, mas é bonzinho. (G)

O relacionamento dos alunos com o colega especial (Questão três: Apêndice B) é muito bom, alguns disseram que ótimo. Sendo assim, quando perguntados se procuram ajudar seu colega em aula (Questão quatro: Apêndice B) se reportaram ao colega com NEE e disseram SIM com a justificativa de pegar a mão no recreio, emprestar os brinquedos, ficar cuidando para que não fuja.

A turma possui consciência que seus colegas especiais necessitam de ajuda. Em nenhum momento utilizaram palavras de discriminação.

- O que pensam os alunos sobre tecnologias e a mídia vídeo:

Quando questionados sobre quais as tecnologias que sua professora utiliza nas aulas (Questão cinco: Apêndice B) a maioria das respostas foi: livros, quadro, TV, DVD, vídeos, rádio e brinquedos (não estava nas alternativas).

As questões seis e sete (Apêndice B) perguntavam respectivamente se gostam de aulas com vídeos e como se sentem quando estão assistindo vídeo na escola. Os alunos responderam que Sim, gostam das aulas com vídeos e se sentem muito bem. Alguns alunos, principalmente as meninas, colocaram que sentem "maravilha".

Alguns comentários deixados pelos alunos desta turma na questão oito que consta no Apêndice B:

Quero que a "pro" passe muitos filminhos. (B)

Adoro olhar os desenhos com meus colegas. (R)

Eu gostei do filme do "ratinho", que ele voltou para casa. (C)

4.2.2 Turma 2: Segunda série: Turno da Tarde

- O que pensam os alunos sobre a inclusão:

Quando perguntados sobre se existem colegas NEE em sua turma (Questão um: Apêndice B) a maioria dos alunos responderam que SIM, somente um aluno perguntou: "o que é necessidade especial?". Se eles sabem a NEE de seu colega (Questão dois: Apêndice B) responderam:

Não sei o nome, mas ele fica nervoso, às vezes. (J)

Ele já mordeu a professora. (A)

Ele fica com raiva quando alguém no recreio fala uma coisa que ele não gosta(N).

A professora já disse que ele é especial e que a gente tem que ajudar ele a ficar com calma. (I).

No relacionamento com o colega especial (Questão três: Apêndice B): Seis alunos colocaram que é muito bom. Dois que é bom. Dois alunos falaram que é ruim, pois o colega, segundo eles, às vezes atrapalha a aula, mas que “não é tão ruim porque a professora o abraça ele e ele fica bem”. Eles relacionaram ao ajudar o colega (Questão quatro: Apêndice B) a este colega. Todos disseram que ajudam na aula para que ele fique calmo e chamam a professora quando ele briga no recreio.

Os alunos desta turma aceitam seu colega especial, embora muitas vezes as atitudes desse os incomodem.

- O que pensam os alunos sobre tecnologias e a mídia vídeo:

Na questão sobre quais tecnologias sua professora utiliza nas aulas (Questão cinco: Apêndice B) a maioria falou: computadores (de vez em quando), livros, quadro, projetor multimídia (perguntaram o que é, quando explicado falaram que sim, para ver os filmes), vídeos, rádio. Esta turma não citou a TV e DVD.

As questões seis e sete (Apêndice B) perguntavam respectivamente se gostam de aulas com vídeos e como se sentem quando estão assistindo vídeo na escola. Os alunos falaram que SIM e que se sentem muito bem. Colocaram que olhar filmes e vídeos na escola é melhor que em casa, porque “parece cinema, tem até pipoca que a professora faz e suco” (M).

Alguns comentários deixados pelos alunos desta turma na questão oito que consta no Apêndice B:

Espero que a professora passe muitos filmes, sobre o índio, do lixo, o desenho do gaúcho e até o filme que era para meninas eu gostei(H).

Eu gosto mais dos desenhos do que dos filmes. (J)

Eu gostei mais do filme do rio Gravataí e do desenho do lixo. (F)

Eu gostei mais quando a professora passou o filme da gente na festa junina, a gente tava bonito dançando na rodinha. (R)

4.2.3 Turma 3: Terceira série: Turno da Tarde

- O que pensam os alunos sobre a inclusão:

Quando perguntados sobre se existem colegas NEE em sua turma (Questão um: Apêndice B) todos os alunos responderam que SIM e já responderam a questão dois: Apêndice B, falando sobre a necessidade de seu colega:

Ele usa cadeira de rodas, é um cadeirante. (B)

A professora disse que ele é cadeirante, pois teve um problema quando nasceu. (L)

Eu perguntei para a professora o que ele tem, porque ele usa a cadeira de rodas e ela disse que é porque ele teve paralisia cerebral, mas ele não anda e fala muito na aula. (E)

Ele é pequeno e fica na cadeira de rodas, ele não mexe uma das mãos direito, mas ele fala demais. (V)

Ele é cadeirante. (W)

Na questão três (Apêndice B) sobre relacionamento com o colega especial os alunos colocaram que é muito bom.

Quando perguntados se ajudam seu colega em aula (Questão quatro: Apêndice B) colocaram que ajudam todos. Alguns relacionaram ao colega cadeirante e disseram que o ajudam, “arrumando a classe dele, pois é diferente da nossa. Ajudando ele a pegar o caderno e fazendo a data para ele, que ele não escreve. (W)”.

- O que pensam os alunos sobre tecnologias e a mídia vídeo:

Sobre quais as tecnologias que a professora mais utiliza nas aulas (Questão cinco: Apêndice B) os alunos colocaram: livros, quadro, vídeos, projetor multimídia (perguntaram o que era antes de disser que a professora usa).

As questões seis e sete (Apêndice B) perguntavam respectivamente se gostam de aulas com vídeos e como se sentem quando estão assistindo vídeo na escola. Os alunos falaram que SIM, gostam de aulas com vídeos e se sentem muito bem.

Alguns comentários deixados pelos alunos desta turma na questão oito que consta no Apêndice B:

Gosto da aula quando é diferente, quando a gente vai pro pátio. (W)

Eu gostei mais do filme do Robô, depois a gente teve que fazer um robô de garrafa pet. (G)

Aqui na escola é bom assistir filmes, a pro coloca a imagem bem grande, no... Como é mesmo o nome?...Isto projetor, e fica como eu acho que é o cinema, eu nunca fui no cinema.(J)

Toda a turma fica quietinha na hora do filme e presta atenção, e eu gosto mais quando a pro passou um desenho da turma da Mônica dando banho no cachorrinho dela. (S)

A aceitação dos audiovisuais por parte dos alunos das três turmas pesquisadas demonstra que essa ferramenta pedagógica é eficaz, pois podemos observar que o que Moran (1995) coloca é correto e para os alunos realmente “O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços.” (MORAN, 1995).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação do profissional em educação para realizar um curso de especialização em mídias na educação está ligada ao seu fazer pedagógico. Com as mudanças do mundo decorrentes dos avanços tecnológicos, o professor necessita de qualificação constante.

Pela pesquisa é possível inovar a prática e desta forma atingir o objetivo de mediar aprendizagem. No decorrer do curso de especialização em mídias, foi possível ter a experiência de escrever um artigo junto a colegas do curso com o tema “A Linguagem Audiovisual das Mídias: Televisão e vídeo como suportes para estimulação do processo ensinar-aprender-ensinar” (DARDE *et al.*, 2012).

A mídia que mais chamou atenção da pesquisadora deste estudo foi a mídia vídeo, pois essa atinge aos alunos de forma direta e prazerosa. O olhar de um aluno assistindo a um vídeo é gratificante e o retorno do que se quer ensinar com o vídeo quase que imediato. O vídeo proporciona atingir todos os sentidos e desta forma atinge a capacidade de aprender de atender de todos os alunos, independentemente de sua diversidade. Quando pensamos em mediar aprendizagem pesquisamos mais e cada vez mais buscamos novas formas de ensinar. Antes de motivar é necessário estar motivado.

O objetivo de investigar a importância do vídeo em turmas do ensino regular que possuem alunos com necessidades educativas especiais incluídos: Percepção dos professores em uma escola situada na periferia de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre foi atingido e pode-se perceber que esta mídia é utilizada pelos professores e aceita pelos alunos.

A relevância da utilização do vídeo nas aulas é considerada muito importante para a maioria dos professores da escola, principalmente para aqueles que possuem alunos com NEE em suas turmas. A importância na utilização da mídia vídeo é para os professores uma forma de motivar os alunos e não meramente para ilustrar seu conteúdo. Embora os audiovisuais possam auxiliar na construção da aprendizagem de forma significativa.

Pelas respostas dos alunos, podemos perceber que a interação dos alunos com NEE em aula não é problema e que eles procuram compartilhar a

aprendizagem junto com esses. Os alunos ficam felizes e motivados com o uso da mídia vídeo pelos seus professores.

A pesquisa chega ao seu final, pois esta, em um determinado momento, tem que ser interrompida, mas com ela os leques de ideias para serem mais aprofundadas referentes a este assunto ficam os anseios quanto ao objetivo não atingido que é “Acompanhar e auxiliar os professores com o uso do vídeo para turmas do ensino fundamental.” Este será motivo de trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **Gestão de tecnologias, mídias e recursos na escola: o compartilhar de significados**. Em aberto, Brasília, v.22, n.79, p.75-89, jan.2009. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1435/1170>>. Acesso em: 01 set.2012.

ARANHA, Maria Salete Fábio. **“Inclusão Social e Municipalização”**. In: MANZINI, E. J. (Org.). Educação especial: temas atuais. São Paulo, UNESP Marília Publicações, 2000.

ASSIS, Caroline Penteado de e MARTINEZ, Cláudia Maria Simões. **A inclusão escolar e utilização de tecnologia assistiva para alunos com sequelas de mielomeningocele: a opinião dos professores**. Revista Educação Especial [online] v. 24, n. 39, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/educacaoespecial/article/view/1508/1718>>. Acesso em: 10 out. 2012.

BARBOSA, Eduardo F. **Instrumentos em Coletas de dados em projetos educacionais. 1988** Disponível em: <http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco_objetos/%7B363E5BFD-17F5-433A-91A0-2F91727168E3%7D_instrumentos%20de%20coleta.pdf>. Acesso em: 15 out.2012.

BEHAR, Patrícia, BERNARDI, Maira, PASSARINO, Liliana. **Modelos Pedagógicos para Educação a Distancia: Pressupostos Teóricos para a construção de objetos de aprendizagem**. RETEME. CINTED/UFRGS. 2007.

DARDE, Cleonair de Oliveira et al.. **A Linguagem Audiovisual das Mídias: Televisão e vídeo como suportes para estimulação do processo ensinar-aprender-ensinar**. RETEME, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 38-47, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.reteme.org.br/index.php/reteme/issue/current>>. Acesso em: 12 nov.2012.

BRANDÃO, Lourimar Teresinha Moreira. **O Uso do Vídeo em Sala de Aula Enquanto Recurso Didático Facilitador para o Aprendizado de História**. Disponível em: <http://www.sed.ms.gov.br/index.php?templat=vis&site=98&id_comp=284&id_reg=&volar=lista&site_reg=98&id_comp_orig=284> Acesso em: 15 out. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Mídias na Educação: Metodologia das ciências sociais: Unidade I: Pesquisa em Ciências Sociais**. Disponível em: <http://moodle.cinted.ufrgs.br/moodle/file.php/191/metodologia_pesquisa/materiais_apio/unidadel_topico01.pdf>. Acesso em: 18 out. 2012.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial.

Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial.

Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva / Secretaria de Educação Especial. -Brasília: Secretaria de Educação Especial, - 2010.73 p.

CAVALLARI, Juliana Santana. **O equívoco no discurso da inclusão: o funcionamento do conceito de diferença no depoimento de agentes educacionais.** *Rev. bras. linguist. apl.* [online]. 2010, vol.10, n.3, pp. 667-680. ISSN 1984-6398. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v10n3/a09v10n3.pdf>> Acesso em 31 set 2012.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Filmes na sala de aula: recurso didático, abordagem pedagógica ou recreação?**[online]. Educação Revista do Centro de Educação UFSM, Vol. 34, Núm. 3, septiembrediciembre, 2009, pp. 603-615. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/1171/117112620013.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2012.

GOMES, Luiz Fernando. **Vídeos Didáticos: Uma proposta de Critérios para análise.** Estudos RBEP. Brasília, v. 89, n. 223, p. 477-492, set./dez. 2008.

DIZARD, W. P. (1998) **A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação** / Wilson Dizard Jr.; tradução [da 2ª ed.], Edmond Jorge; revisão técnica, Tony Queiroga - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. **Percursos da constituição de uma política brasileira de educação especial inclusiva.** *Rev. bras. educ. espec.* [online]. 2011, vol.17, n.spe1, pp. 41-58. ISSN 1413-6538. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v17nspe1/05.pdf>>. Acesso em 31 set. 2012.

LÉVY, Pierre. Introdução: Dilúvios. In: CIBERCULTURA. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1999.

LINHARES, Ronaldo Nunes. **EDUCAÇÃO/COMUNICAÇÃO: O USO DO AUDIOVISUAL EM SALA DE AULA.** Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Educa%C3%A7%C3%A3o/Comunica%C3%A7%C3%A3o:_o_uso_de_audiovisual_em_sala_de_aula>. Acesso em: 30 out. 2012.

MANDARINO, Mônica Cerebella Freire. **Organizando o Trabalho com Vídeo em sala de aula.** Rio de Janeiro. MORPHEUS .UNIRIO. 2002. Disponível em: <<http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero01-2000/monicamandarino.htm>>. Acesso em: 15 out. 2012.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O direito de ser, sendo diferente, na escola.** Revista CEJ, V. 8 n. 26 jul./set. 2004. [Online]. Disponível em: <<http://www2.cjf.jus.br/ojs2/index.php/cej/article/viewArticle/622>>. Acesso em: 31 out. 2012.

MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de e MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. **Acolhendo e atuando com alunos que apresentam paralisia cerebral na classe regular: a organização da escola.** *Rev. bras. educ. espec.* [online]. 2007, vol.13, n.1, pp. 111-130. ISSN 1413-6538. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v13n1/a08v13n1.pdf>>Acessado em 31/09/2012>. Acesso em: 15 out. 2012.

MRECH, Leny Magalhães. **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: REALIDADE OU UTOPIA?** Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=97:educacao-inclusiva-realidade-ou-utopia-&catid=6:educacao-inclusiva&Itemid=17>. Acesso em: 05 nov.2012.

MORAN, José Manuel. **O Vídeo na Sala de Aula.** Revista do Departamento de Comunicação e Artes da ECA-USP. [online]Vol. 1. No 2 (1995) Disponível em:<<http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewArticle/3927>>. Acesso em: 01 set. 2012.

_____. **A contribuição das tecnologias para uma educação inovadora.** Contrapontos - volume 4 - n. 2 - p. 347-356 - Itajaí, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/785/642>>. Acesso em: 12 set. 2012.

SANCHES, Isabel e TEODORO, António. **Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos.** *Rev. Lusófona de Educação* [online]. 2006, n.8, pp. 63-83. ISSN 1645-7250. Disponível em: <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/rle/n8/n8a05.pdf>>Acesso em: 31 set 2012.

SNYDER, I apud PEREIRA, M. H. (2000). Hipertexto – o labirinto eletrônico. Tese de doutorado – Faculdade de Educação - UNICAMP.

TREISMAN, Anne. **A atenção, os traços e a percepção dos objetos.** In: **Introdução às Ciências Cognitivas**, Org. Daniel Andler. São Leopoldo, RS, Brasil. Ed. Unisinos, pg. 139.

VIGOTSKI. L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE A: QUESTIONARIO PARA OS PROFESSORES



Curso de Especialização Lato Sensu em Mídias na Educação – Ciclo Avançado – 2ª ed. CAPES/UAB - SEAD/UFRGS – CINTED/UFRGS

O presente questionário tem como objetivo Investigar o uso das mídias no processo de inclusão digital dos alunos com necessidades especiais que ingressaram nos cursos regulares em nossa escola. Em particular o uso da mídia vídeo nas aulas. Estas informações serão validadas no trabalho de conclusão do Curso de Especialização Lato Sensu em Mídias na Educação – Ciclo Avançado – 2ª ed. pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Você estaria disposto a responder algumas perguntas sobre este importante estudo?

Por favor, sinta-se livre para expressar suas opiniões, porque não há respostas corretas e incorretas (respostas certas e erradas) o importante é a sua opinião.

O questionário não será marcado de qualquer maneira que possa identificá-lo (confidencialidade), deixando livre para sua contribuição.

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA:

PESQUISADORA: MARIA PINTO BITELLE

ORIENTADOR: Profº Dr. CARLOS TADEU QUEIROZ DE MORAIS

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL NOVA CONQUISTA

SEXO: () MASCULINO () FEMININO

TEMPO EM QUE ESTÁ NA ESCOLA _____

FUNÇÃO/SÉRIE/ÁREA: _____

1. Na(s) turma(s) em que você atua se encontram alunos com necessidades especiais?
() sim () não Quais necessidades? _____
:
2. Você acredita que a inclusão de alunos com necessidades especiais em turmas regulares é uma política pública importante para a sociedade e o ensino?
() sim () não Cite um motivo: _____
3. Você conhece as políticas públicas que validam a inclusão de alunos com necessidades especiais em classes regulares de ensino?
() sim () não
Se a resposta for sim assinale as que você conhece:
() Resolução CNE/CEBnº 2/2001: Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica
() LDBEN, Lei nº 4.024/61

- () Lei nº 5.692/71, que altera a LDBEN de 1961
- () ECA, Lei nº 8.069/90, no artigo 55
- () Decreto n. 3.298 de 20 de dezembro de 1999
- () Decreto nº 6.094/2007
- () Decreto, o n. 6949 de 25 de agosto de 2009
- () Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, artigo 59
- () Outras _____
4. O que é para você uma escola inclusiva:
- () uma escola que obedece a aplica as políticas públicas para a integração de pessoas com necessidades especiais.
- () uma escola que se preocupa em construir ambientes com acessibilidade as pessoas com necessidades especiais,
- () uma escola que educa para todos independente das diversidades.
- () uma escola sem preconceitos e discriminação para que todos tenham acesso a qualidade no ensino.
- () uma escola onde as práticas educativas sejam voltadas para que os alunos com necessidades especiais devam se adequar a elas.
- () uma escola onde as práticas educativas possam dar condições de acesso as pessoas com necessidades especiais.
- () outro: _____ -
5. Você acredita que a tecnologia possa auxiliar na aprendizagem de turmas com alunos especiais:
- () sim () não
6. Quais as mídias que você utiliza em suas aulas:
- () lousa digital
- () TV
- () DVD
- () Projetor multimídia
- () retro projetor
- () quadro e giz
- () quadro branco
- () Informática
- () Vídeo
- () Rádio
- () Material impresso
- () Outros
- () Não utilizo
7. Para você a utilização das mídias em suas aulas é importante:
- () sim () não
- De qual forma:
- () como recurso auxiliar ao conteúdo.
- () como forma de desenvolver aprendizagem.
- () como uma forma de motivar os alunos
- () outros _____
8. Como os seus alunos interagem entre si quando você utiliza tecnologia:
- () animados
- () motivados

APÊNDICE B: ENTREVISTA PARA OS ALUNOS



Curso de Especialização Lato Sensu em Mídias na Educação – Ciclo Avançado – 2ª ed. CAPES/UAB - SEAD/UFRGS – CINTED/UFRGS

A presente entrevista tem como objetivo Investigar o uso das mídias no processo de inclusão digital dos alunos com necessidades especiais que ingressaram nos cursos regulares em nossa escola. Em particular o uso da mídia vídeo nas aulas. Estas informações serão validadas no trabalho de conclusão do Curso de Especialização Lato Sensu em Mídias na Educação – Ciclo Avançado – 2ª ed. pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Você estaria disposto a responder algumas perguntas sobre este importante estudo?

Por favor, sinta-se livre para expressar suas opiniões, porque não há respostas corretas e incorretas (respostas certas e erradas) o importante é a sua opinião.

A entrevista não será marcada de qualquer maneira que possa identificá-lo (confidencialidade), deixando livre para sua contribuição.

ENTREVISTA DE PESQUISA:

PESQUISADORA: MARIA PINTO BITELLE

ORIENTADOR: Profº Dr. CARLOS TADEU QUEIROZ DE MORAIS

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL NOVA CONQUISTA

SEXO: () MASCULINO () FEMININO

SÉRIE; _____ TURNO: _____

1. Em sua turma existem colegas com necessidades especiais:
() sim () não
2. Você sabe qual a necessidade especial de seu colega;
() sim () não
3. Caso você tenha algum colega especial como é o seu relacionamento com ele:
() muito bom
() bom
() não existe
4. Você procura ajudar seus colegas em aula:
() sim () não

5. Seu professor costuma utilizar algumas destas tecnologias na aula:
- computadores
 - livros
 - quadro
 - projetor multimídia
 - vídeos
 - TV
 - DVD
 - rádio
 - outros.....
6. Você gosta de aulas com vídeos:
- sim () não
7. Como você se sente quando está assistindo um vídeo na escola:
- muito bem
 - bem
 - incomodado
 - não sente nada

8. Deixe seu comentário;
